As identidades de Bush: análise discursiva dos processos de formações de identidades e representações ideológicas no livro "Cartas da Zona de Guerra" de Michael Moore

Daniel Marra[1], Juscéia Aparecida Veiga Garbelini[2]

[1]Doutor em Letras e Linguística – UFG. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO.
[2]Doutora em Linguística – UFMG. Professora da Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Resumo: Esta reflexão tem como objetivo buscar a(s) identidade(s) psicossocial(is) de Bush construída pelos soldados estadunidenses em cartas reunidas no livro *Cartas da Zona de Guerra* do cineasta Michael Moore. Para tanto, serão observados: (i) os processos discursivos utilizados, (ii) os itens lexicais através de seus aspectos valorativos, (iii) a posição enunciativa dos sujeitos enunciadores, através da mobilização de conceitos da ADF, marco teórico desse estudo. Das cinco cartas que compõem nosso *corpus*, retiramos trinta fragmentos cuja temática é a questão identitária de Bush. Agrupamos esses fragmentos em cinco unidades de famílias parafrásticas, nomeadas relativamente às temáticas: (I) "Bush mentiu"; (II) "Mandou homens e mulheres para morrer por sua causa"; (III) "Essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela"; (IV) "O babaca que está na Casa Branca"; (V) "Utilizando políticas sujas para amedrontar e trapacear". O exercício analítico permitiu observar o funcionamento dos processos parafrásticos, ou seja, os enunciados caracterizadores do sujeito empírico *Bush* foram produzidos em diferentes formas, por diferentes sujeitos, porém mantendo um frequente retorno ao mesmo espaço do dizer. Em conclusão, podemos dizer que o discurso hegemônico é aquele que se constrói como parafrástico. Assim, a identidade *psicossocial* que emergiu das famílias parafrásticas analisadas mostra um *ethos* negativo de Bush, tecido por palavras depreciativas, com um posicionamento ideológico desvelador dos temas obscuros da guerra no Iraque.

Palavras-Chave: ADF, cartas, família parafrástica, identidade

1. INTRODUÇÃO

Tomando como base os conceitos da Análise do Discurso Francesa, o contexto sócio-político-histórico pós-moderno e a segunda guerra Estados Unidos x Iraque, procuraremos desenvolver uma análise sobre o processo de formação de identidades e representações ideológicas sobre Bush no livro do cineasta Michael Moore.

Essa segunda guerra no Iraque, iniciada por motivos contraditórios, começou a ser questionada bem antes de seu início, 20 de março de 2003. Os questionamentos que surgiram, quanto aos reais motivos que desencadeariam a 1ª guerra do século XXI, ganharam uma dimensão assustadora quando pessoas diretamente envolvidas no combate (os soldados estadunidenses) começaram a questionar a guerra e a denunciar os motivos "fictícios" que levaram o presidente Bush, então no comando dos Estados Unidos, a declarar guerra ao Iraque.

A alegação de que Saddam Hussein tivesse ligação com o grupo terrorista Al Qaeda, responsável pelo ataque terrorista aos Estados Unidos em 2001, foi um dos supostos motivos para esta segunda guerra. O governo estadunidense também suspeitava de que aquele país possuía estoques de armas de destruição em massa, algo jamais comprovado. Os opositores do ex-presidente George W. Bush mantiveram a crença de que o verdadeiro motivo teria sido o interesse dos EUA nas reservas de petróleo iraquianas. Bush decretou como data oficial do final da guerra o dia 1º de maio de 2003, contudo a região, em 2012, ainda continua em conflito.

Assim, essa guerra que teria se iniciado "por motivos fictícios" (MOORE, 2004), tendo destituído o regime de Saddam Hussein, não foi capaz de libertar aquele povo dos conflitos internos, pelo contrário, mergulhou o país ainda mais numa condição de pobreza e revolta:

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

> Há algumas famílias (...) que viviam sob os telhados de suas casas, são elas que mais sofrem em tempos de guerra, principalmente quando os motivos são totalmente desnecessários. Havia alguns agricultores que nem mesmo sabiam que houve uma Tempestade do Deserto ou uma Operação Liberdade do Iraque. Foi então que me dei conta que essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela, e não pelo seu povo; O Iraque não é uma ameaça iminente aos Estados Unidos ou ao resto do mundo. (...) não libertamos esse povo; nós o mergulhamos ainda mais na pobreza (...). Estamos aqui tentando manter a paz quando só nos ensinaram como destruir (MOORE, 2004, depoimento do soldado Kyle Waldeman).

Conforme assinala Moore (2004), desde o início da guerra a mídia norte-americana procurou retratar os bravos soldados estadunidenses como algum tipo de "máquina monolítica" de homens que tem em mente tirar o Iraque dos bandidos e levar a bondade do Tio Sam para aquele país: "foi só depois de Fahrenheit 11 de Setembro que a maioria das pessoas se conscientizou de que havia tantos soldados que não apoiavam o que Bush dizia"(MOORE, 2004).

Holgonsi Soares (s/d), dialogando com Edigar Morin, fala dos efeitos da política na vida dos indivíduos no período pós-moderno. Para ele, "a política penetrou todos os poros da sociedade, ao mesmo tempo em que se deixava penetrar por todos os problemas da sociedade". Isso requeria dos indivíduos que entrassem na competência da política e se politizassem. Tais questões que Soares considera "questões antropológicas fundamentais" contempladas pela "política gerativa", proposta por Anthony Giddens, busca permitir que os indivíduos e os grupos façam com que as coisas aconteçam, e não esperem que aconteçam simplesmente. Assim, Soares (s/d) argumenta que "se desejamos romper com a reprodução da vida econômica, política e social instituídas, e com os arranjos existentes, precisamos lutar em/por micro-espaços de discussão, e transformá-los em espaços públicos de questionamentos". Estudos que contemplam temáticas contemporâneas inserem-se, portanto, na concepção de política gerativa.

Entendemos que "a condição da linguagem é a incompletude. Nem os sujeitos nem o sentido, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados" (ORLANDI, 2000). Dessa forma, acreditamos que um estudo sobre os discursos dos soldados estadunidenses que serviram no Iraque será de capital importância para compreendermos como se constituem os sentidos dos discursos, as identidades dos sujeitos e as representações ideológicas veiculadas em tais discursos. Consideraremos, para tanto, as condições de produção em sentido amplo, inseridas em um tempo e espaço pós-moderno.

Assim, para a concretização da proposta reflexiva, elegemos como objetivos, buscar a(s) identidade(s) psicossocial(ais) de Bush construída pelos soldados americanos em cartas reunidas no livro *Cartas da Zona de Guerra*: *algum dia voltarão a confiar na América*? do *cineasta* Michael Moore. Para tanto, serão observados: (i) os processos discursivos utilizados, (ii) os itens lexicais através de seu aspecto valorativo, (iii) a posição enunciativa dos sujeitos enunciadores, através da mobilização de conceitos da Análise do Discurso Francesa, marco teórico desse estudo.

Para alcançarmos os objetivos pretendidos, propomos, no decorrer deste processo analítico, responder as seguintes questões problematizadoras: Qual(is) a(s) identidade(s) psicossocial(ais) de *Bush* construída(s) pelos soldados americanos nas cartas analisadas?; Quais as representações ideológicas sobre *Bush* veiculadas nessas cartas?; Quais os processos de linguagem mais recorrentes nas produções discursivas dos soldados?

2. MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* deste trabalho se constituiu de cartas reunidas no livro *Cartas da Zona de Guerra: algum dia voltarão a confiar na América*? do cineasta Michael Moore. Publicado em 2004, nos Estados Unidos, esse livro é composto por cento e sete cartas. Moore dividiu o livro e quatro lotes: o primeiro lote é composto por cartas de soldados que serviam no Iraque; o segundo é composto por cartas de soldados que serviam ao redor do mundo; o terceiro é composto por cartas de veteranos de guerras passadas; e o quarto é composto por cartas dos familiares e de amigos dos soldados.

Não podemos, no entanto, ignorar o fato de, ao organizar o livro, Morre ter intenções bastante claras quanto a sua finalidade: impedir a reeleição de Bush. Moore, um dos críticos mais ferrenhos do

ex-presidente, tornou-se mundialmente conhecido ao discursar na cerimônia do Oscar 2003 (dias depois de Bush ordenar a invasão ao Iraque, alegando que este possuía armas de destruição em massa), após receber o prêmio de melhor documentário por *Tiros em Columbine* e fazer duras críticas ao ex-presidente.

Moore dedicaria seus projetos seguintes a impedir que Bush fosse reeleito na eleição de 2004. Entre esses projetos está *Fahrenheit 11 de Setembro*: documentário que mostra relações suspeitas da família Bush com proprietários de empresas petrolíferas árabes. Entre tais famílias, a de Osama Bin Ladem. Além disso, Moore buscava denunciar os motivos "fictícios" por trás da invasão do Iraque.

Foi a partir, principalmente, do contato com esse filme, que chegara de forma pirateada ao Iraque, que os soldados, até então, acreditando estar lutando uma guerra contra o terror, começaram a questionar seus reais motivos. Assim, começariam a acessar a página de Moore na Internet e a denunciar as atrocidades que eles, sob ordens de seu Comandante-em-Chefe (Bush), cometeram durante a invasão ao Iraque.

A partir da leitura das cartas optamos por limitar nossa análise às cartas dos soldados que serviam no Iraque, uma vez que o foco de nossa análise será voltado para a relação Bush / Iraque, e por considerar que o fato dos soldados terem servido nessa zona de guerra, sob as circunstâncias reveladas nas cartas, dá a eles maior legitimidade para criticar e denunciar as ações do governo Bush naquele país.

Assim, separamos *cinco cartas* para darmos continuidade ao processo de construção do *corpus* deste trabalho. Feito isto, começamos um trabalho de recortes dos discursos, dirigindo nossa atenção para as temáticas relacionadas à questão identitária de Bush.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Gênero Discursivo Cartas

O gênero discursivo carta é um dispositivo enunciativo sócio-historicamente construído. As discussões sobre gêneros do discurso têm início com as contribuições que Bakhtin (1979) faz sobre a linguagem. Para ele, qualquer utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos resultantes das esferas de atividades humanas. Assim, Bakhtin conceitua gênero do discurso como sendo formas do dizer sócio-historicamente cristalizadas, oriundas de necessidades produzidas em diferentes esferas da comunicação humana.

Durante muitos séculos, o gênero discursivo carta foi o mais eficiente mecanismo de comunicação entre as mais diversas esferas da sociedade, nas mais diferentes comunidades. Entretanto, com o surgimento dos meios de comunicação, como o telefone e, posteriormente, a Internet, a comunicação tornou-se mais dinâmica e a carta manuscrita deixou de ser tão importante, saindo quase por completo da lista dos meios de comunicação contemporâneos.

Com o advento da Internet e a necessidade dos sujeitos de se comunicarem mais e com maior dinamismo, a carta manuscrita cederia espaço para a carta eletrônica que tornara possível a comunicação instantânea com pessoas de qualquer parte do planeta.

3.2. Identidade

Stuart Hall (2005) fala das Identidades do sujeito pós-moderno. Para ele, "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas". Sustenta também que esse processo de transformação

> produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel", formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (...). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (...). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (...). Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...). Ela permanece

> sempre incompleta, está sempre "em processo" sempre "sendo formada" (...). Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (...). A identidade surge (...) de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2005, p. 12-13, *passim*).

O conceito de identidade postulado pela ADF se configura de acordo com Charaudeau & Maingueneau (2004). Para estes, "a identidade do sujeito do discurso se constrói de duas maneiras diferentes, em dois domínios que são ao mesmo tempo distintos e complementares, ambos construindo-se em articulação com o ato de enunciação: Uma identidade dita 'pessoal', e uma identidade dita de 'posicionamento'". Aquela é tanto psicológica quanto sociológica, define o sujeito e pode ser descrita através de seu discurso; esta se relaciona com a posição ocupada pelo sujeito discursivo diante dos sistemas de valores que circundam seu discurso.

3.3. Paráfrase

Para Orlandi (2000), a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo sentido. A paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. O discurso parafrástico seria então aquele que, mesmo proferido por vários locutores e através de múltiplos textos, reafirmaria um sentido. Maingueneau (*apud* ORLANDI, 2000) sustenta que "o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica o permite definir como um espaço de regularidades enunciativas". Assim, de acordo com Orlandi, outros enunciados que se produzirem nas mesmas condições histórico-ideológicas também fazem parte desse discurso e se constituem relativamente às coerções da formação em que se inscrevem.

Maingueneau (1997) diz ainda que a paráfrase surge na AD como uma tentativa de controlar em a polissemia aberta pela língua e pelo interdiscurso. Assim, "fingindo dizer diferentemente a mesma coisa para restituir uma equivalência preexistente (...), a paráfrase define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva".

3.4. Relações de Sentidos

De acordo com Orlandi (2000), todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro:

> Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes. (...) os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2000, pp. 39; 62).

Assim, os discursos proferidos por *Bush* no período que antecede a Guerra no Iraque foi o que possibilitou a emergência dos discursos que constituem nosso *corpus.* Declarações proferidas por *George W. Bush* alegando que o Iraque, dirigido pelo seu então presidente Saddan Hussain, possuía estoques de armas de destruição em massa e financiava terroristas dão o tom de seu discurso persuasivo:

> In the attacks on America a year ago, we saw the destructive intentions of our enemies. This threat hides within many nations, including my own. In cells and camps, terrorists are plotting further destruction and building new bases for their war against civilization. And our greatest fear is that terrorists will find a shortcut to their mad ambitions when an outlaw regime supplies them with the technologies to kill on a massive scale (…). In one place — in one regime — we find all these dangers, in their most lethal and aggressive forms ... exactly the kind of aggressive threat the United Nations was born to

> confront (…). Right now, Iraq is expanding and improving facilities that were used for the production of biological weapons (BUSH, 2002, pp. 140, 142, *passim*).

Após termos apresentado algumas definições teóricas, nas quais nossa reflexão se sustenta, passaremos na seção seguinte ao processo de análise dos fragmentos que compõem nosso *corpus*.

3.5. Análise de Dados

Para darmos início ao processo de análise do *corpus*, recorremos ao dispositivo analítico sugerido por Orlandi (2000). As etapas de análise estão dispostas da seguinte forma: passagem da *Superfície Linguística* (texto) para o *Objeto Discursivo* (formação discursiva) e deste para o *Processo Discursivo* (formação ideológica).

Numa primeira etapa, no contato com o *corpus* (Superfície Linguística), incidindo um primeiro lance de análise de natureza linguístico-enunciativa, selecionamos alguns fragmentos para análise. Das cinco cartas que compõem nosso *corpus*, escritas pelos soldados K. Waldeman, Michael W., Sean Huze, R. H. e Jay, retiramos os trinta fragmentos mais frequentes, cuja temática é a questão identitária de *Bush*. Agrupamos estes fragmentos em cinco unidades de famílias parafrásticas, nomeadas relativamente às temáticas elencadas a seguir:

1ª Família Parafrástica – Falsas verdades

Alvo temático: George W. Bush.

I. Bush é um filho da puta **mentiroso** e manipulador.
II. **Mentiram** para nós e fomos usados (...) sensação de traição.
III. Eu **acreditei** no nosso presidente. Achava que G.W. era ótimo. Ele estava cuidando da situação.
IV. **Mentiu** para todos nós e mandou homens e mulheres para morrer por sua causa e não pela causa dos Estados Unidos.
V. Impeachment, **mentir** sobre armas de destruição em massa e causar a morte de milhares (...) justifica.
VI. Não fazia idéia de que meu comandante-em-chefe fosse **criar todas estas blasfêmias**.

2ª Família Parafrástica – Vidas descartáveis

Alvo temático: George W. Bush.

I. **Bush não liga para as vidas daqueles que servimos a farda**. A não ser divertir-se uniformizado em porta-aviões, o que ele sabe sobre servir fadado ao seu país?
II. Mentiu para todos nós e **mandou homens e mulheres para morrer por sua causa** e não pela causa dos Estados Unidos.
III. Algum babaca da Casa Branca teve a coragem de **colocar em risco as vidas dos outros para fazer sua guerra pessoal.**
IV. (...) **a posição que nos colocaram** – **combater** um inimigo que usava **mulheres, crianças e outros civis** como escudos; **nos forçar** a escolher entre **disparar** em "áreas alvo" (um modo agradável de se dizer atirar **em multidões**) **ou ser morto** pelos sacanas usando multidões para se proteger – é indescritivelmente horrível.
V. O babaca que está na Casa Branca decidiu que agora é uma excelente ocasião para **impor uma redução nos gastos com o exército.**

3ª Família Parafrástica – A lógica do capital

Alvo temático: George W. Bush

I. Sabemos exatamente onde estão as **prioridades** do sr. Bush. Estão **envolvidas com empresas**.
II. Esses caras estão **faturando alto com essa guerra fajuta.**
III. Estamos **desperdiçando um puta dinheiro com essa merda**, e poucos desses projetos são voltados para o Iraque.
IV. **Estão coçando as costas de alguém por aqui**, e não são as dos iraquianos.
V. **Essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela**, (...) não esse povo (Iraque); nós o mergulhamos ainda mais na pobreza.

4ª Família Parafrástica – Depreciação (ethos negativo)

Alvo temático: George W. Bush

I. O **babaca** que está na Casa Branca decidiu que agora é uma excelente ocasião para impor uma redução nos gastos com o exército (...).
II. Um **idiota** do Texas decidiu agir por vingança e ódio, em vez de simplesmente aceitar o fato de que há pessoas que não são como nós e que nem sempre podemos estar com a razão.
III. Algum **babaca** da Casa Branca teve a coragem de colocar em risco as vidas dos outros para fazer sua guerra pessoal.
IV. Bush é um **filho da puta** mentiroso e manipulador.

5ª Família Parafrástica – Trapaças (regras obscuras)

Alvo temático: George W. Bush

I. Bush sempre **desviou sua renda** com o petróleo para garantir que houvesse petróleo suficiente para nossos veículos utilitário-esportivos.
II. Cara está havendo uma puta **trapaça** aqui!
III. Utilizando políticas sujas para amedrontar e **trapacear**.

3.6. Análise das Famílias Parafrásticas

Dentro da primeira unidade de famílias parafrásticas, “Bush mentiu, acreditei no nosso presidente”, agrupamos seis paráfrases; segunda família, “mandou homens e mulheres para morrer por sua causa”, cinco paráfrases; terceira família, “essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela”, cinco paráfrases; quarta família, “o babaca que está na Casa Branca”, quatro paráfrases; quinta família, “utilizando políticas sujas para amedrontar e trapacear”, três paráfrases.

A razão de termos encontrado cinco famílias parafrásticas é explicado pela Análise do Discurso. Orlandi (1998) diz que “no processo discursivo vão se formando *famílias parafrásticas* que significam, pois, dizer não é apenas do domínio do locutor, pois tem a ver com as condições em que se produz e com outros dizeres”. Para Orlandi (2000), “a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo sentido”. Assim, de acordo com a autora, outros enunciados que se produzem nas mesmas condições histórico-ideológicas também fazem parte desse discurso e se constituem em relação às coerções de formação em que se inscrevem.

O exercício analítico permitiu observar o funcionamento dos processos parafrásticos, ou seja, os enunciados caracterizadores do sujeito empírico *Bush* foram produzidos em diferentes formas, por diferentes sujeitos, porém mantendo um frequente retorno ao mesmo espaço do dizer. Posto de outro modo, são os mesmos dizeres sedimentados, porém mantêm o mesmo sentido. Assim, podemos dizer que o discurso hegemônico é aquele que se constrói como parafrástico, o que o torna possível e legítimo.

Ao recorrermos ao conceito de formação discursiva, percebemos que os enunciados abaixo

*Eu **acreditei** no nosso presidente.*
***Achava** que G.W. era ótimo.*
*Ele **estava** cuidando da situação.*

revelam um sujeito que pertencia a uma formação discursiva ou prática discursiva tal que apoiava as ações do seu presidente, nesse caso o ex-presidente Bush. Entretanto, uma vez que uma formação discursiva não é um espaço estrutural fechado, como afirma Pêcheux (1983 *apud* ORLANDI, 2000), esse sujeito teve sua formação discursiva invadida por outra(s) formação(ôes) discursiva(s), o que lhe permitiu uma reavaliação do seu discurso. Assim, o que fica pressuposto no enunciado acima, é que o sujeito deixou de acreditar no presidente, não mais o acha ótimo e que Bush nunca cuidou da situação. Como assinala Orlandi (2000), "o posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente)".

Essa mudança na prática discursiva ilustra concretamente o conceito de "interdiscursividade" discutido por Orlandi (2000). Para a autora, "o interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, (...). O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada". No caso dos enunciados acima, tudo o que já foi dito por *Bush* em seus discursos e tudo o que já se disse sobre a relação Bush/Guerra do Iraque (motivos alegados, motivos fictícios, motivos não revelados, mas subentendidos etc.), seja através da mídia televisiva ou escrita, seja através do documentário *Fahrenheit 9/11* que chegou até a zona de guerra no Iraque, contendo denúncias desveladoras das questões da guerra, estão ali significando, sustentando cada tomada de palavra.

Orlandi (2000), retomando Ducrot (1972), apresenta diferentes formas de não-dizer (implícito), o pressuposto e o subentendido. O pressuposto deriva da instância da linguagem e o subentendido deriva daquilo que se dá em contexto, ou seja, depende do contexto. Assim, retomando os enunciados acima só teremos acesso aos motivos pelos quais esse sujeito teve seu discurso alterado se recorrermos às *condições de produção* em que o discurso foi construído e, assim, considerarmos esse sujeito atravessado pelos efeitos da história, da língua, da ideologia e do inconsciente.

Desse modo, as condições de produção em sentido estrito (contexto imediato), as circunstâncias que permitiram o surgimento desses discursos, se inserem no contexto da segunda guerra dos Estados Unidos contra o Iraque. Em sentido amplo, esses discursos foram produzidos dentro do contexto sócio-histórico pós-moderno.

Stuart Hall (2005), conceituando sobre identidades dos sujeitos pós-modernos, diz que as identidades dos sujeitos estão em constantes formações e transformações, pois "o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente". Assim, o sujeito que um dia acreditou no seu presidente, compartilhou os mesmos ideais político-ideológicos, abandona esses ideais ao tomar conhecimento dos reais motivos pelos quais ele e milhares de outros soldados estavam perdendo suas vidas no Iraque. E essa tomada de consciência se dá, num primeiro momento, através do contato com o documentário *Fahrenheit 11 de Setembro* de Michael Moore. Isso acontece, porque, segundo Charaudeau & Maingueneau (2004), às vezes, a identidade resulta das condições de produção que exercem coerções sobre o sujeito.

3.7. As identidades de Bush

A partir dos itens lexicais materializados na superfície linguística do discurso, identificamos as diferentes identidades de Bush.

Identidade psicossocial	**Identidade de posicionamento**
Mentiroso	Busca lucros
Trapaceiro	Envolvido com empresas
Desumano	Protegendo interesses dos empresários
Manipulador	Desperdiçando dinheiro com a guerra
Terrorista	Faturando / lucrando com a guerra
Babaca / Idiota / Filho da puta	

De acordo com Charaudeau (2004), a identidade do sujeito do discurso se constrói de duas maneiras diferentes, em dois domínios que são ao mesmo tempo distintos e complementares, ambos construindo-se em articulação com o ato de enunciação: uma identidade dita 'pessoal' (psicossocial) e uma identidade dita de 'posicionamento' (ideológica). Retomando nossos objetivos pretendidos e questões norteadoras desta reflexão, passaremos as conclusões finais deste estudo.

4. CONCLUSÃO

A fim conhecer a(s) identidade(s) psicossocial(is) de *Bush* construída(s) pelos soldados nas cartas que compõem nosso *corpus*, recorremos ao trabalho com famílias parafrásticas. Assim, num primeiro contato com o *corpus*, retiramos os fragmentos, cuja temática é a questão identitária de Bush. Agrupamos tais fragmentos em cinco unidades de famílias parafrásticas, nomeadas relativamente às temáticas: (I) "Bush mentiu"; (II) "Mandou homens e mulheres para morrer por sua causa"; (III) "Essa guerra foi iniciada pelos poucos que lucrariam com ela"; (IV) "O babaca que está na Casa Branca"; (V) "Utilizando políticas sujas para amedrontar e trapacear".

O exercício analítico permitiu observar o funcionamento dos processos parafrásticos, ou seja, os enunciados caracterizadores do sujeito empírico *Bush* foram produzidos em diferentes formas, por diferentes sujeitos, porém mantendo um frequente retorno ao mesmo espaço do dizer. Conforme sustenta Maingueneau (1997), "Fingindo dizer diferentemente a mesma coisa para restituir uma equivalência preexistente (...) a paráfrase define uma rede de desvios cuja figura desenha a identidade de uma formação discursiva".

Em conclusão, podemos dizer que o discurso hegemônico é aquele que se constrói como parafrástico, o que o faz possível e legítimo. Assim, a identidade *psicossocial* que emerge das famílias parafrásticas analisadas mostra um *ethos* negativo de Bush, tecido por palavras depreciativas, com um posicionamento ideológico desvelador dos temas obscuros da guerra.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. *In*: BAKHTIN, M. Estética da criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOTTA, M. G. **A Guerra Estados Unidos X Iraque no discurso jornalístico: análise léxico-semântico das unidades de dominação**. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Dissertação de Mestrado, 2006.

BUSH, G. W. **Address to the United Nations General Assembly**. *In*: Selected Speeches of President George W. Bush: 2001 – 2008. Disponível em: http://georgewbush-whitehouse.archives.gov /infocus/ bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf. Acesso em: 07/07/2012.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOLGONSI, S. **Pós-modernidade sobre: a "antropolítica".** Disponível em: http://www.angelfire. com /sk/holgonsi/index.antropolitica.html

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MOORE, M. **Cartas da Zona de Guerra:** algum dia voltarão a confiar na América? Vários tradutores. São Paulo: Francis, 2004.

ORLANDI, E. P. **Analise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.